

Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Ana Karolina Kobi

POR UMA EDUCAÇÃO AUTÓCTONE: a educação como garantia da defesa e da produção de pertencimento na Revolução Cubana.

Rio de Janeiro

2022

Ana Karolina Kobi

POR UMA EDUCAÇÃO AUTÓCTONE: a educação como garantia da defesa e da produção de pertencimento na Revolução Cubana.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Análises Clínicas.

Orientador: André Vianna Dantas

Rio de Janeiro

2022

Ana Karolina Kobi

POR UMA EDUCAÇÃO AUTÓCTONE: a educação como garantia da defesa e da produção de pertencimento na Revolução Cubana.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Análises Clínicas.

Aprovado em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Anakeila de Barros Stauffer- Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio

José Victor Regadas Luiz- Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio

*Dedico esse trabalho aos meus amigos, á minha
irmã e à libertação dos povos.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Fundação Oswaldo Cruz pela oportunidade de conhecê-la e por me possibilitar quatro anos de constante aprendizado.

À Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio por me proporcionar incontáveis experiências que me educaram, me amadureceram e me propuseram a refletir. Não é possível expressar em palavras o impacto que essa instituição causou na minha vida.

Ao meu orientador André Dantas que me guiou nessa jornada.

Às professoras da disciplina de PTCC, Fernanda Bottino, Tainah Galdino e Carla Cabral pelas orientações doces, prestativas e acolhedoras.

Aos professores da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, em especial: Jairo Freitas, Renata Sodré, Marcello Coutinho, Suelen Barbosa, Gabrielle Paulanti e Flávio Paixão. Os ensinamentos ultrapassaram a sala de aula e estarão para sempre marcados em mim. Vocês foram imprescindíveis.

Às minhas companheiras de jornada Andryelle, Analyce, Bianca, Julia, Maria, Lívia, Wanessa e Yasmin que estiveram lá por mim, me acolheram e viveram ao meu lado os últimos quatro anos repleto de amor, carinho e cuidado.

Ao meu amigo Julio Moraes que me ensinou o significado da palavra conexão. Suas palavras de reconforto e suas atitudes de cuidado sempre ecoarão em mim.

À minha família, especialmente minha irmã Verônica que, apesar da distância se mostrou presente e foi o pilar da minha existência desde o princípio.

“Não pode haver liberdade onde há ignorância”

Simon Bolívar

RESUMO

O trabalho tem por objetivo investigar o papel da educação no pós revolução em Cuba, a partir da compreensão histórica do papel da educação em um processo revolucionário socialista, da análise do projeto revolucionário e da identificação dos resultados e reverberações da reestruturação do sistema educacional em Cuba. Entendendo que a mudança de uma lógica social necessita da educação como componente indissociável, somadas a repetitividade de um seletivo conglomerado de fatos e interpretações superficiais suscitaram o questionamento dos produtos gerados pela Revolução na sociedade cubana, em especial na educação.

Seguindo uma metodologia qualitativa, a pesquisa se desenvolverá na revisão bibliográfica presente em livros e artigos, esses disponíveis nas bases de dados Google Acadêmico e Scielo, nos idiomas português, espanhol e inglês tal como do acesso dos dados disponibilizados pelos órgãos responsáveis de Cuba e de órgãos internacionais.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ICCP- Instituto Central de Ciências Pedagógicas

SNE- Sistema Nacional Educacional

UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

EUA- Estados Unidos da América

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. DA DOMINAÇÃO A REVOLUÇÃO	11
3. A EDUCAÇÃO E A CRIAÇÃO DO HOMEM NOVO	16
3.1 O Sistema Nacional de Educação:	20
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24

1. INTRODUÇÃO

A Revolução Cubana é um dos eventos do conturbado século XX mais memoráveis não só para a história da América Latina como para o avanço da construção do socialismo. Marcada pela dubiedade de narrativas em relação ao que é na prática o socialismo, Cuba, ou, mais especificamente, seu socialismo, é alvo frequente de ataques sobre suas condições de vida e de acesso a direitos básicos. Todos esses ataques, porém, não tem fundamentação teórica, uma vez que os índices educacionais da ilha são superiores aos outros países da América Latina, alcançando as seis metas estabelecidas pelo programa “Educação Para Todos” da UNESCO no ano de 2015 e sendo o único país da América Latina a conquistar tamanho feito.

De nada agradou a guinada à esquerda que uma pequena ilha caribenha, localizada a poucos quilômetros da maior potência capitalista, realizou em meio a Guerra Fria. As tentativas de conter a guerrilha já haviam sido empregadas e a política propagandista anticomunista começa a ser utilizada como ferramenta de enfraquecimento e desmoralização internacional, sendo a associação de devastação do país ao socialismo ainda persistente no imaginário compartilhado. Entretanto, a História, enquanto uma ciência, não pode assumir processos como estáticos, fatídicos e absolutos, sendo os sentidos que orbitam na formação de uma historiografia estão constantemente em disputa. Assim, o debate sobre Cuba precisa se exceder além da narrativa engessada sobre os resultados da revolução na ilha.

Somado a isso, a educação e a sua capacidade emancipatória entram como ferramenta de análise partindo do pressuposto de que, para a construção de uma nova sociedade, em especial socialista, educação é um tema que perpassa esse processo. A tomada de consciência, a compreensão da práxis revolucionária e a interpretação e atuação de seu entorno são características imprescindíveis não só para as gerações que lidaram com a situação imediata pós-revolução, como também para as futuras que lidam com os constantes embates, tanto no plano ideológico quanto o material. Assim, buscar entender o perfil e o papel da educação cubana é buscar também os alicerces que sustentaram e ainda sustentam a revolução.

2. DA DOMINAÇÃO A REVOLUÇÃO

Apesar de Cuba ter concluído o ano de 1958 sob uma ditadura e amanhecido em 1959 livre de seu ditador, uma revolução não acontece do dia para a noite. Enquanto se esperava que as manchetes dos jornais de todo o mundo daquele 1 de janeiro anunciariam a chegada do ano do 1959, o que foi de fato encontrado foram diversas menções a fuga do ditador de Cuba, Fulgêncio Batista, para a República Dominicana. O processo revolucionário, que tem seu marco inicial em 1953, fora finalmente efetivado após anos de luta e organização popular com o nível de complexidade característico desse evento histórico. Apesar de inesperado, a revolução não foi repentina. Entretanto, diante de tantas indagações que se tinha naquele momento, a principal delas era: afinal de contas, como uma pequena ilha ao sul dos Estados Unidos saltou de uma ditadura para o socialismo em poucos anos? Para tecer a complexa trama que é a Revolução Cubana e compreender suas complexidades, é preciso fazer uma breve retomada histórica e entender sua formação social, suas relações de dominação e sua busca pelo próprio caminho.

A história de Cuba antes de sua revolução é uma história de dominação. Com a invasão em 1492 do território que hoje denomina-se Caribe, é instaurada a colonização espanhola, sendo Cuba a última colônia da América Latina a se libertar da Espanha, em 1868 (Ayerbe, 2004). Cuba começa a se destacar a partir de um produto essencial para entender a dinâmica da economia colonial: o açúcar. Chamado de “*Sugar Islands*” (Ilhas de açúcar) pelos ingleses, as colônias das Antilhas, apesar de possuir outras mercadorias, tinham como carro-chefe o açúcar como mercadoria principal. Exceto Cuba, que tinha a sua capacidade agrícola explorada. Esse estado se mantém até a metade do século XVIII (Fraginals, 2001), já que, apesar de possuir as condições para o desenvolvimento de uma indústria açucareira, prosperava mais dentro da exploração agrícola. Enquanto nas outras colônias a produção açucareira era proveniente de políticas de Estado e geridas pela Metrópole, a cubana cresce a partir de um esforço dos próprios colonos, adquirindo um caráter antimetropolitano (Fraginals, 2001). Por conta da dinâmica colonial, o processo de comercialização do açúcar iniciava-se na colônia, mas terminava na Metrópole, com a refinação. Como a empreitada era interna, e a Espanha não tinha capacidade de montar uma refinaria, não possuía de uma rede de comercialização, mão de obra escrava ou marinha preparada para a exportação, ficou-se decidido que Cuba seria a primeira colônia a realizar todos os processos envolvendo o açúcar dentro do próprio território. Toda essa autonomia e demanda do açúcar cubano

promoveram um crescimento vertiginoso na economia e protagonismo no cenário internacional. É com todo vigor gerado pelo mercado açucareiro que a oligarquia cubana começa suas tentativas para se libertar do jugo colonial. A Guerra dos Dez Anos¹ é um exemplo e um vislumbre da possibilidade dessa libertação, já que o momento era propício para isso. O contexto internacional do capitalista inaugurava, dentre outros aspectos a internacionalização do capital. A ideia de relações mercantis sem o empecilho da intermediação da metrópole agradava não só ao EUA, como também os colonos e burguesias nacionais dos países colonizados. Com a pressão gerada na Guerra dos Dez Anos somados à insustentabilidade de se manter essa específica organização colonial no momento do capitalismo monopolista, o sistema colonial em Cuba desmorona.

É a partir desse momento que a lógica anexionista e imperialista dos Estados Unidos aumenta e empreitadas para controle da ilha, como a Emenda Platt², começam a surgir. Dessa forma, é essa abertura econômica que propicia aproximações entre Cuba e os Estados Unidos, que serão úteis no futuro para concretizar a independência, já que a burguesia cubana nunca teve capacidade material de fazê-lo. Essa incapacidade fica evidente durante o século XIX, mais especificamente a sua segunda metade, quando foi necessário a atuação burguesa para o empreendimento de uma emancipação nacional, ao não obter sucesso na Guerra dos Dez Anos. Sobre isso, Fernandes afirma que:

“Em Cuba, as rebeliões contra o pacto colonial e a dominação espanhola eclodiram de modo endêmico, atingindo seu apogeu na “guerra dos dez anos” (1868- 1878). Contudo, os estratos hegemônicos da população nativa não tiveram condições para impor ou conquistar a emancipação a não ser muito mais tarde, no fim do século 19. (FERNANDES, 2007, pg. 40)”

¹ As rebeliões que houve contra o pacto colonial eclodiram de tal forma que culminaram na Guerra dos Dez Anos e, posteriormente, na Independência, sendo do interesse dos colonos de se romper com a dinâmica colonial e se integrar a uma nova esfera de influência. Segundo Ayerbe, o conflito inicia em 10 de outubro de 1868, e termina em 1878 com a derrota dos setores mais radicais.

² A Emenda Platt (1901) foi um dispositivo legal imposto pelos Estados Unidos após o processo de Independência da ilha. Criado no Congresso Nacional por Connecticut Orville Platt, e aprovado pelo Senado, com um método mais sofisticado de dominação, o texto previa livre intervenção dos Estados Unidos na política cubana. Dessa forma, garantia-se que, apesar de liberto do modelo colonial já conhecido de dominação, os Estados Unidos conseguiriam controlar a política cubana a qualquer momento para atender aos seus interesses.

Mais de 400 anos de dominação marcam a história de Cuba, sendo a revolução o momento de completa ruptura com esses vínculos de subserviência e dominação. Fernandes (2007, p. 33) define Cuba como “o único país na América Latina no qual a descolonização foi apreendida como realidade total e no qual a prática política se organizou para extinguir todos os fatores, efeitos e resíduos do colonialismo e do neocolonialismo.”

O contexto pré-revolucionário era de extrema instabilidade política. Cuba, além de possuir baixa industrialização, tinha uma economia agroexportadora, classe dominante subserviente e posicionamento geográfico estratégico para a rota do tráfico de drogas entre os Estados Unidos e a América Latina, tornando a ilha um entreposto comercial. Em 10 de março de 1952, Fulgêncio Batista³ realiza um último golpe na frágil democracia cubana, instaurando uma ditadura. Em 1953, mais especificamente no dia 26 de julho, um grupo de 135 pessoas se organiza e promove aquele que seria o preâmbulo do processo revolucionário: o assalto ao quartel de Moncada⁴. Articulado para ser o início do fim da ditadura de Batista, culminado em 1 de janeiro de 1959.

O Projeto Moncada, de acordo com Ayerbe (2004, pg. 31), discorre sobre a seguinte proposta

“Para transformar a situação dos setores populares, o programa de Moncada propunha um conjunto de cinco leis revolucionárias. A primeira reconhecia a Constituição de 1940⁵ como lei fundamental do Estado. A segunda lei atribuía terras a camponeses que ocupassem pequenas parcelas, até um total de cinco caballerías (13.430 metros

³ Nascido em janeiro de 1901, Fulgêncio Batista Zaldívar foi um sargento que ganha destaque no movimento de sargentos contra o governo de Gerardo Machado e do governo subsequente e provisório de Carlos Manuel de Céspedes y Quesada. É nessa conjuntura de consecutivas quedas de presidentes, que emerge e se fortalece a figura de Fulgência promovendo a sua subida ao cargo presidencial em 1940. Impedido de se candidatar novamente em 1944, é substituído por Ramón Grau San Martín e só retorna ao cenário político em 1952, quando emprega a ditadura que só terminará em janeiro de 1959. (Ayerbe, 2004)

⁴O Assalto ao quartel de Moncada, muito mais do que demonstrar a insatisfação popular em relação a ditadura, também “constitui o marco do novo tipo de insurgência, que irá combinar a ação política rebelde à ação militar organizada.”(Fernandes, 2007, pg.114).

⁵ Fruto da intensa luta política ocorrida na década anterior, a Constituição de 1940 tinha significativos avanços em relação à anterior. Com um caráter republicano e democrático, suas principais disposições eram: a consolidação do voto, a introdução de direitos sociais e avanços nos direitos trabalhistas.

quadrados). A terceira dava o direito aos trabalhadores assalariados de participar em 30% dos lucros das grandes empresas industriais, extraviais e comerciais. A quarta concedia a todos os colonos 55% de participação nos lucros da cana de açúcar e uma cota mínima de quarenta mil arrobas àqueles que tivessem estabelecidos por um mínimo de três anos. A quinta lei confiscava todos os bens obtidos a partir da malversação dos recursos públicos, atingindo todos os governos.”

Além disso, o programa contava, segundo Ayerbe, com uma “reforma agrária, do sistema educacional e nacionalizações de empresas que prestam os serviços públicos da área de telefonia e eletricidade”. O Programa de Moncada ganha interesse popular e uma organização para a soltura dos rebeldes condenados é realizada. Finalmente, em 1955 todos os participantes do assalto são anistiados e com o recém criado Movimento 26 de Julho, há um rearranjo no núcleo militar que os leva até o México para aprimoramento das técnicas de guerrilha e articulação com uma rede de outros grupos rebeldes (Fernandes, 2007, pg.114) No dia 25 de novembro de 1956, ocorreu outra etapa do processo revolucionário: a bordo do Granma, um pequeno barco, 82 pessoas desembarcariam em Santiago de Cuba com o objetivo de organizar o levante popular e iniciar a organização nas cidades. Por conta de erros e empecilhos no trajeto, o grupo sofre uma mudança forçada de rota que os leva a Sierra Maestra, e em suas montanhas as atividades dos guerrilheiros “imprimiram à revolução cubana a forma política que ela deveria ter para que atingisse seus objetivos e colocasse a América Latina nas correntes históricas da época do socialismo” (Fernandes, 2007, pg. 145). Ao se referir sobre os guerrilheiros, Fernandes (2007, pg.88) os define como: “Eles não eram “revolucionários profissionais”, mas “amantes da revolução” por necessidade, que foram socializados politicamente graças e através dos embates com a situação revolucionária.” A relevância da guerrilha enquanto um dos aspectos da revolução ultrapassou o seu caráter de luta armada, tornando-se centro da organização política do processo revolucionário. (Fernandes 2007, pg. 90):

“A guerrilha foi um mero instrumento e seria preciso que não se perdesse de vista que mesmo a luta armada ultrapassou a guerrilha, logo transformada em apêndice ou técnica suplementar da guerra de movimento. Ela é essencial porque representou algo parecido com o que foram os partidos socialistas revolucionários em outros países. Ela plasmou a mentalidade revolucionária e educou os guerrilheiros para a ação política revolucionária, estabelecendo os marcos que separariam a “sua” revolução das outras.”

Sendo assim, o socialismo cubano começa a ganhar cada vez mais forma e a sua construção perpassa por necessidades específicas do processo, começando a confrontar com as suas contradições. Muito mais do que promover uma mudança social e ofertar saúde, moradia, emprego e educação, a revolução também tinha o papel de buscar sua autonomia e soberania. Essa busca só é possível se acompanhada de uma tomada de consciência que reconheça a estrutura de opressão e que se revolte contra ela. A revolução, assim como tudo o que foi construído em decorrência disso, só existiu porque foi legitimado popularmente.

Assim, quando os rebeldes conquistam o Palacio de los Capitanes Generales a luta não termina, mas ganha outro sentido: enfrentar os dilemas e complexidades que envolvem implementar o socialismo em um país que foi subjugado em toda a sua história desde então. Muito mais do que declarar o caráter socialista da política cubana, agora a grande tarefa da revolução era construir o homem novo ao mesmo tempo que cria condições materiais para que esse homem novo possa atingir o máximo de sua potencialidade.

3. A EDUCAÇÃO E A CRIAÇÃO DO HOMEM NOVO

A concepção freiriana⁶ de que a educação não muda o mundo, mas as pessoas, esses sim os agentes da mudança, é importante para compreender definições fundamentais ao falar sobre educação, principalmente a socialista. Segundo Neuner et al (1981) por educação, se entende “o conjunto de influências que toda a sociedade exerce em um indivíduo.” Além disso,

A educação consiste, antes de tudo, em um fenômeno social e historicamente condicionado e com um caráter classista. Garante a transmissão de experiências de uma geração a outra. Lenin definiu a educação como uma categoria geral e eterna. Ela constitui parte inerente da sociedade desde o momento em que esta surge e se torna essencial para o desenvolvimento sucessivo da sociedade, a tal extremo que sem a educação, não se concebe progresso histórico-social. (pg. 31)

A educação nunca foi, e nunca será, neutra. Da mesma forma que pode ser usada para perpetuar os interesses da burguesia pode, também, ser instrumento aliado em uma revolução. A sua função social surge da capacidade de transmitir os conhecimentos e as experiências necessárias de acordo com o contexto histórico, assim:

A educação é uma manifestação importante da superestrutura e sua função político-social só pode explicar-se cientificamente partindo de uma análise objetiva das relações sociais, da organização econômica da sociedade e da luta de classes (Neuner et al. pg. 12-13)

Em um processo revolucionário socialista, a sistematização dos estudos sobre a educação guiados para a construção de uma nova sociedade se torna de suma importância. A pedagogia socialista, que busca exatamente estudar a relação da educação do homem em uma sociedade comunista, está diretamente ligada a Revolução Russa e a filosofia marxista-leninista, já que o surgimento do marxismo enquanto uma filosofia e método de interpretação da sociedade somados as contribuições posteriores de Lenin, revolucionaram as ciências, dentre elas, a pedagogia. Assim, a pedagogia socialista, constitui a mais elevada etapa do desenvolvimento do pensamento pedagógico.

⁶ Paulo Freire (1921-1997) foi um dos maiores pensadores da educação. Brasileiro, nascido em Alagoas, contribuiu para a construção de uma pedagogia crítica. É patrono da Educação Brasileira.

Os dois principais nomes que construíram as bases da pedagogia socialista soviética são Anton Makarenko⁷ e Nadejda Krupskaya⁸. Nesses estudos, Makarenko ressaltou a relevância de uma educação com um programa pedagógico voltado para a construção da personalidade humana enquanto Krupskaya abordava a relação direta entre o objetivo da educação da nova geração e as necessidades materiais da sociedade. Para Krupskaya, o principal papel da escola na mudança da sociedade era formar indivíduos multilateralmente desenvolvidos capazes de compreender o seu entorno, refletir sobre o seu contexto e preparados para o trabalho, seja físico ou intelectual.

A influência para o pensamento norteador das políticas pedagógicas está ligada a um importante figura cubana, José Martí. Comprometido na libertação de Cuba do colonialismo espanhol na Guerra de 1895⁹ Martí lutou para trazer a independência e democratizar a ilha. O entendimento do que era educação no pensamento martiano compreendia a capacidade de apreensão e transformação da realidade social. Streck afirma que:

Há, no entanto, ao longo da história latino-americana (Streck, 2006), um conjunto de práticas pedagógicas que foram encobertas pela ideologia das classes hegemônicas e que, de forma clandestina, se manifestam como pedagogia da sobrevivência, da resistência e da relação. Houve também reflexões que dificilmente constam dos livros didáticos dos cursos de formação de professores. É nesse sentido que podem ser identificados, na obra de José Martí, traços que mais tarde passam a formar os pressupostos político-pedagógicos da educação popular. (Streck, 2008, p. 20)

A educação na situação pré-revolucionária representada, principalmente, no censo de 1958, pôde comprovar o total abandono da educação. O analfabetismo chegava na marca de um milhão de pessoas, aproximadamente 23,6% da população total. Apesar de mais de meio milhão de crianças estarem fora da escola, o ensino primário atendia a uma ínfima porcentagem da população em idade escolar e o ensino

⁷ Anton Semyonovich Makarenko (1888-1939) foi um pedagogo ucraniano, alicerce da pedagogia socialista soviética. Uma de suas atuações mais proeminentes é na área de jovens marginalizados. Com sua formação essencialmente leninista, compreende função a educação socialista a partir de uma formação voltada para a coletividade.

⁸ Nadejda Konstantínovna Krupskaya (1889-1939) foi uma pioneira no desenvolvimento de uma pedagogia socialista soviética. Integrante do Partido Comunista da União Soviética auxiliou na estruturação do sistema educacional da União Soviética após o triunfo da Revolução de 1917.

⁹ A Guerra de 1895 foi o último estágio para a consolidação do processo de Independência Cubana. Após duas tentativas de libertação da metrópole espanhola, Cuba finalmente se torna independente em 1898, após uma série de combates e rebeliões, com a assinatura do Tratado de Paris em que a Espanha renunciava suas duas últimas posses coloniais: Cuba e Porto Rico

médio ser ofertado apenas para 17% da dos jovens de idade entre 15 e 19 anos, havia mais de 10.000 professores desempregados (ICCP, pg.11). Assim era o contexto educacional cubano quando a revolução triunfou.

Para começar a enfrentar esse imbróglio, uma série de medidas foram tomadas. A primeira, e mais marcante desse período inicial, foi a criação da Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, realizada em 1960. Essa campanha, ultrapassou sua função de lidar com o analfabetismo, uma vez que mobilizou a toda a população em prol dessa grande tarefa e foi o pontapé para a construção de uma nova etapa na história de Cuba. Em termos práticos, para se executar tamanha atividade foi necessário:

(...) Para a preparação de seus mestres, foram convocados voluntários em Sierra Maestra, que receberam treinamento por três meses. Na formação desses mestres eram desenvolvidos vários campos, como Didática, com um programa de leitura e escrita; matemática, com noções iniciais para as primeiras séries; Programa de agricultura, respaldando a maioria dos voluntários, já que eram das cidades e atuavam no campo; Noções Pedagógicas e de Psicologia, onde foram auxiliados para o trabalho rural, o trabalhador e suas famílias. Em sua convivência no treinamento, os brigadistas também desenvolviam a solidariedade, a disciplina e o despertar para a coletividade. Com o contato interpessoal diário, tornavam-se hábeis em ofícios cotidianos dos trabalhadores, conviviam com madeireiros e adquiriam conhecimentos gerais. (AZEREDO, pg. 13)

Ainda que sofrendo constantes ataques dos Estados Unidos, podendo citar a fracassada Invasão da Baía dos Porcos¹⁰, a Campanha permaneceu e as atividades não foram paralisadas. Os resultados provaram a efetividade do método, tendo aumentado os índices de alfabetização de 76% para 96% ainda em 1961, segundo o que indica o Relatório de Monitoramento Global de Educação Para Todos de 2005 da UNESCO. O Programa de Alfabetização se mostrou tão eficiente, flexível e economicamente viável que foi integrado em sistemas educacionais de outros países, levando o nome de “Yo, sí puedo” (Azeredo, 2016, p. 28).

¹⁰ Segundo Farias (2008), a Invasão da Baía dos Porcos foi uma investida mal sucedida dos Estados Unidos de criar um cenário de insatisfação do povo cubano sobre a revolução. No dia 17 de abril de 1961, uma milícia de cubanos treinados pela Agência Central de Inteligência norte-americana (CIA) iniciou o ataque na Playa Girón, localizada no sul da ilha. A operação foi um fracasso. A maior parte dos invasores foi capturada, e a outra morreu no conflito. O presidente John F. Kennedy, foi desmoralizado e teve que assumir publicamente a autoria da invasão.

Além disso a metodologia aplicada se ajustou ao decorrer da Campanha, que durou aproximadamente um ano, pôde reconhecer o caráter ativo de todos os seus participantes os transformando em agentes do processo de construção de uma nova sociedade (AZEREDO, 2016). Foi tão bem recebida pela população que conseguiu o feito de diminuir da taxa 40% de analfabetismo para 3,9%. Esses 3,9% remanescentes foram contemplados em um programa de combate ao analfabetismo de fevereiro de 1962 (MECHI, 2017) . E, apesar da campanha ter sido um dos mais significativos feitos da revolução, não foi o único

Depois dos índices alarmantes de analfabetismo, a outra grande questão educacional da ilha era que, aqueles que conseguiam se manter no sistema educacional permaneciam, majoritariamente, somente até o fim do Ensino Médio, sem evoluir para a Universidade. A Reforma Universitária e a garantia de continuidade então, em especial para os moradores das zonas rurais, foram os principais motes dos anos 60. Já nos anos 70, foi começado a se institucionalizar os valores que a revolução propôs à educação, tornando assim tudo que havia sido idealizado em políticas públicas e viabilizando as condições materiais para sua execução. O Plano de Aperfeiçoamento do Sistema Nacional de Educação (SNE) significou “uma união de esforços dos níveis metodológicos, científicos e social para a execução de um grande plano de intervenção com a adoção das “escolas do novo tipo”, a inclusão das escolas do campo, a criação do Destacamento Pedagógico.” (ICCP, pg. 12)

Além disso, foi promovido:

o desenvolvimento impetuoso da matrícula e formação de estudantes do ensino médio e superior; o desenvolvimento da educação pré escolar e educação especial; o fortalecimento da educação técnica e profissional; a estruturação dos planos de formação da docência com uma direção única; a organização, estruturação e direção da rede de centros de educação superior dentro do escopo da reitoria do Ministério da Educação Superior, criado em 1976. A criação do Centro de Desenvolvimento Educativo, atual Instituto Central de Ciências Pedagógicas, encarregado de promover, dirigir e controlar, como órgão central, dos trabalhos investigativos e de desenvolvimento das aspirações de caráter científico no setor educacional. (ICCP, pg. 12-13)

Outro importante marco desse mesmo período é a realização do 1º Congresso do Partido Comunista Cubano realizado em 1975, e o 1º Congresso Nacional de Educação e Cultura¹¹, que ocorreu em 1971 e deram o tom da política educacional cubana para as décadas seguintes. Os frutos desses esforços podem ser observados no censo de 1981 que comparam a situação de 1953, ainda em ditadura, e no contexto pós revolucionário de 1981. Os dados comprovam o aumento exponencial de escolarização, sendo o da população de 6 a 12 anos que saltou de 56,4% para 97, 3% e na população de 6 a 16 o aumento foi de 50,9% para 92,4% (NEUNER, G. et al. Pg.14).

3.1 O Sistema Nacional de Educação:

O Sistema Nacional Educacional cubano (SNE) é orientado por 5 princípios, sendo eles: abrangência da educação, combinação do estudo com o trabalho, coeducação, gratuidade e caráter democrático. Desde o triunfo da revolução, diversas medidas de aperfeiçoamento foram promovidas, sendo o primeiro plano realizado entre 1976 e 1985. Nesse momento de efervescência revolucionária pós realização dos Congressos, tanto do Partido quanto de Educação e Cultura, e da promulgação da nova Constituição de 1976, as principais medidas consistiam em reorganizar os subsistemas e os conteúdos programáticos, além da elaboração de novos livros didáticos (ROGRIGUEZ, pg.49). A estrutura do SNE possibilita que os princípios sejam capazes de ser alcançados de maneira concreta, viabilizando o ciclo básico para todos e atendendo as demandas específicas da população, com os institutos politécnicos e a educação operário-camponesa.

¹¹ É impossível ignorar a presença de elementos problemáticos nas resoluções do o 1º Congresso Nacional de Educação e Cultura. Dentre outras passagens, um importante de se enfatizar é o seguinte trecho “Os meios culturais não podem servir de ambiente à proliferação de falsos intelectuais que pretendem converter o esnobismo, a extravagância, o homossexualismo e outras aberrações sociais em expressões da arte revolucionária, distante das massas e do espírito da nossa revolução.” (pg. 33). Outra passagem das resoluções recomenda o que hoje para pedagogia é entendido como abordagem ultrapassada: a segregação de estudantes com deficiência. Reconhecer a legitimidade e relevância de um processo histórico, e, conseqüentemente, contar sua história com a compreensão que a sua complexidade importa para a análise completa implica em apresentar as suas contradições. Um processo revolucionário socialista nunca vai estar livre de críticas, apontamentos, revisões e propostas para reflexão. E, definitivamente, a revolução cubana não está imune disso.

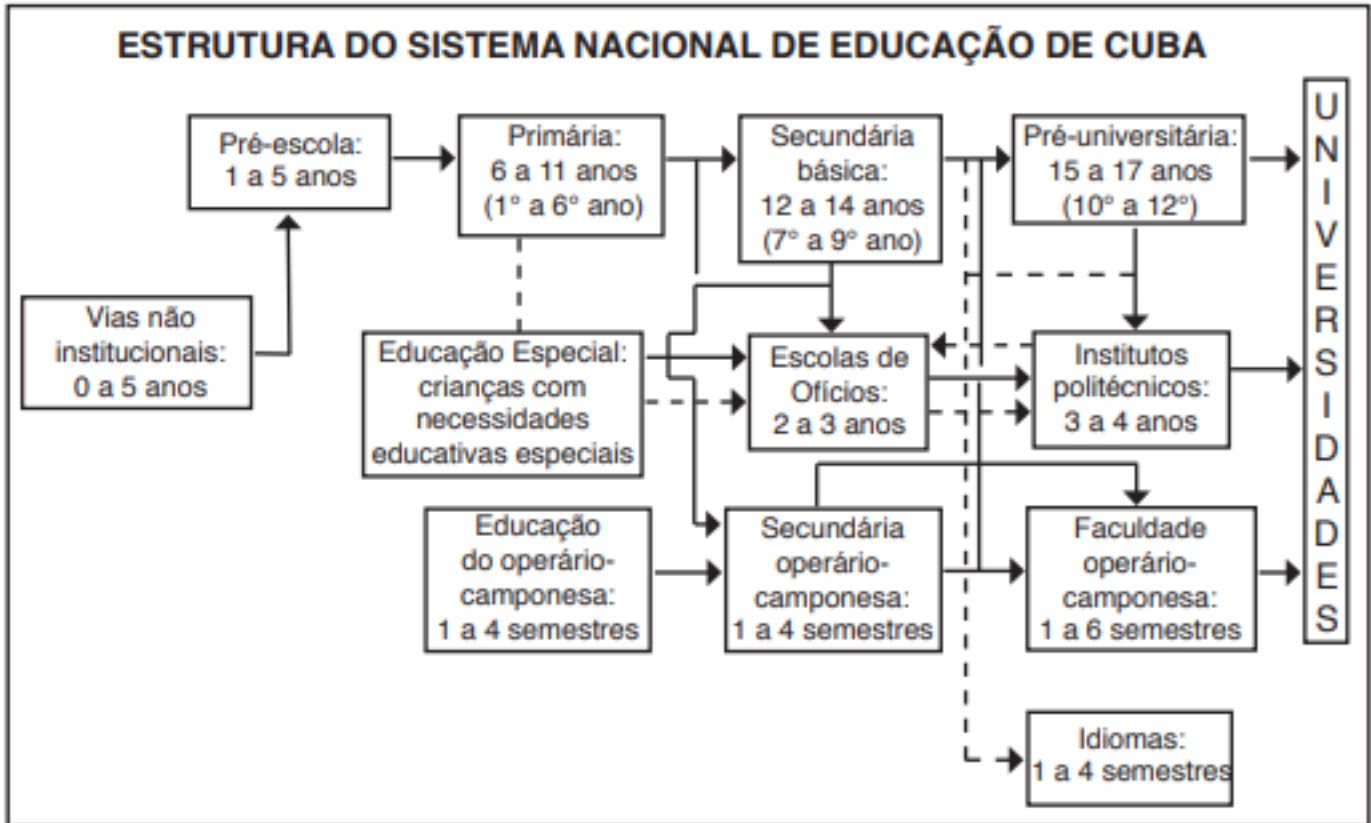


Figura 1 – Estrutura do Sistema Nacional de Educação de Cuba.

Todo esse êxito só pôde ser alcançado a partir de uma visão que compreendia que com a ruptura das relações econômicas capitalistas também se pressupunha que a lógica social precisaria ser mudada e buscava, constantemente, a construção do homem novo. Segundo Mechi:

Na Cuba revolucionária, os sentidos ideológico e prático das tarefas educativas determinavam ser necessário ir além da aquisição dos instrumentos de leitura e escrita; tratava-se também de ler e escrever o mundo, ou seja, compreender a realidade em que se inseria o povo cubano e desenvolver condições de intervenção sobre essa realidade, uma abordagem que também está presente no pensamento de Paulo Freire, uma das referências futuras e inspiração para os educadores cubanos nas décadas seguintes. (2017, pg. 178)

Ora, se a grande tarefa da revolução é construir o homem novo, então o que seria, por definição? Longe de querer traçar um futuro fantasioso ou excluir as subjetividades da personalidade dos indivíduos, a

ideia do homem novo entra na necessidade material de se promover a tomada de consciência, individual e coletiva, com educação técnica e ideológica daqueles que serão os agentes da transformação. A tomada de consciência propicia não só a compreensão de seu contexto, como também abre a porta para novas formas de socialização, rompendo com as dicotomias sociais promovidas pelo capitalismo. Em “O socialismo e o Homem em Cuba”, Che Guevara afirma que “A revolução se faz através do homem, mas o homem deve forjar dia a dia seu espírito revolucionário” (pg. 189) ressaltando a continuidade que esse processo possui no período de transição para o comunismo. É por isso que:

(...) a educação direta adquire uma importância muito maior. A explicação é convincente porque é verdadeira: não precisa de subterfúgios. Ela se exerce através do aparato educativo do Estado em função da cultura geral, técnica e ideológica, por meio de organismos como o Ministério da Educação e o aparelho de divulgação do partido. A educação penetra nas massas e a nova atitude preconizada tende a converter-se em hábito; a massa vai incorporando-a e a pressiona quem ainda não se educou. (2004. pg.181)

Dessa forma, o papel da educação para Cuba, muito mais do que a troca de conhecimento dentro de sala de aula, é de constante construção da consciência coletiva em torno dos valores revolucionários, da mudança da sociedade e da manutenção do socialismo. Somente o indivíduo que entenda o seu passado é capaz de mudar o seu futuro, transformar os sentidos e redirecionar para a construção do comunismo. Entretanto, assim como o processo revolucionário teve, e ainda tem, seus dilemas, e como já foi definido que a educação cubana não está livre de contradições e equívocos, Mechi apresenta o debate atual e expressa características de uma educação: “Por vezes acrílica, mecânica, cujos princípios e métodos contribuem para um engessamento do pensamento crítico e para a dificuldade em fazer críticas aos caminhos atuais da revolução, em que os discursos dos revolucionários da Sierra Maestra se cristalizam como verdades absolutas.” (2017, pg. 178). Mechi atribui essas rachaduras no sistema educacional como parte da aproximação da pedagogia cubana aos modelos de educação capitalistas retirando um de seus alicerces: o pensamento crítico (pg. 178). Essas inconsistências nascem das próprias instabilidades que a ilha sofre no plano econômico causadas, principalmente, pelo embargo econômico promovido pelos Estados Unidos há 60 anos. Dessa forma, a educação cubana, um dos êxitos mais proeminentes da revolução, carrega em si tanto o projeto de libertação dos povos e a possibilidade de uma educação que rompesse com a lógica capitalista, quanto dos próprios dilemas e contradições do processo revolucionário

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, diante da discussão apresentada pode-se compreender o papel vital e central da educação para o projeto revolucionário cubano como objeto indissociável tanto para o avanço quanto para o fortalecimento da construção da sociedade socialista. A sua função excede a de apreensão de conteúdos e se transporta para o campo da formação do pensamento crítico orientados pela necessidade de construir uma sociedade com indivíduos conscientes e críticos e condições materiais para a sua efetivação. Os passos para a ruptura de uma educação voltada para os interesses capitalistas para uma comprometida com a libertação dos povos foram inovadores. A Campanha de Erradicação do Analfabetismo em 1961, a remodelação do SNE, a Reforma Universitária, a realização do 1º Congresso Nacional de Educação e Cultura são alguns dos exemplos da execução do projeto revolucionário. O impacto foi tão significativamente positivo que foi reconhecido pela comunidade internacional, apesar das tentativas de desacreditar a revolução, os inegáveis índices superiores por organizações como a UNESCO.

Ao mesmo tempo, é importante salientar, por exemplo, algumas das contradições apresentadas nesse trabalho. É inquestionável o caráter problemático das resoluções de educação e cultura, que não deve ser de maneira alguma ignorados. Cuba tem uma responsabilidade histórica com a comunidade LGBTQIA+ por contribuir com a opressão desse grupo marginalizado e é dever da revolução de se atualizar sobre o tema. Entretanto, colocar a LGBTfobia que Cuba realizou durante tantos anos como uma característica de um regime socialista é mais uma tentativa de imputar a revolução uma herança das relações capitalistas. Reconhecer o passado e os erros que a revolução cometeu é possibilitar a abertura para diálogos que possibilitem que Cuba chegue cada vez mais ao socialismo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, Ana Carla Magalhães. O projeto de alfabetização cubano pós-revolução: a campanha de alfabetização. 2016. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

AYERBE, Luiz Fernando. A Revolução Cubana. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

GUEVARA, E.C. O socialismo e o homem em Cuba. Montevideo: Semanário Marcha, 1965.

FERNANDES, Florestan. Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

FRAGINALS, Manuel M. O engenho: complexo socioeconômico açucareiro cubano. Brasil: Hucitec, 1987.

ICCP. Pedagogía. Instituto Central de Ciencias Pedagógicas. La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1984.

LOGUINOVA, V. I., SAMORUKOVA P. G. Pedagogia Pré-escolar. Contenido de la educación comunista del círculo infantil. Ed. Pueblo y Educación. La Habana, 1989

NEUNER, G. et al, Pedagogía. La Habana: libros para la educación, 1981.

PERICÁS, Luiz Bernardo. Che Guevara e o debate econômico em Cuba. Xamã, 2004.

SADER, E.(org.), GUEVARA, C. Che Guevara: política. (2004). Brasil: Expressão Popular.

MECHI, Patrícia Sposito. SANTOS, Fábio Luís Barbosa dos (org.). Cuba no século XXI: Dilemas da revolução. Brasil, Editora Elefante, 2019.

STRECK, Danilo R. José Martí e a educação popular: um retorno às fontes. *Educação e Pesquisa*, vol. 34, núm. 1, 2008, pp. 11-25 Universidade de São Paulo São Paulo, Brasil.

UNESCO. Educação para todos: alfabetização para a vida. (Relatório conciso.2005. Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todos– EPT 002.